



A CASA DE DEUS E A “CASA-DOS-HOMENS” – O PAPEL DAS IGREJAS NA REFUNDAÇÃO PERMANENTE DE MASCULINIDADES VIOLENTAS

THE HOUSE OF GOD AND THE 'HOUSE OF MEN' – THE ROLE OF CHURCHES IN THE REFOUNDATION OF HEGEMONIC MASCULINITIES

Maurício de Oliveira Filho*

Resumo: Este artigo explora o papel que igrejas podem desempenhar na refundação permanente de masculinidades violentas, utilizando o contraste entre a "Casa de Deus" e a "casa-dos-homens" como ponto de partida. O conceito de “casa-dos-homens” se refere a espaços de socialização masculina que têm como função introduzir meninos ao “mundo dos homens”, ensinando-os os comportamentos masculinos hegemônicos. A pesquisa enfatiza como os espaços e discursos religiosos contribuem para a persistência das masculinidades hegemônicas, especialmente aquelas que perpetuam a violência de gênero, mas podem ser, da mesma forma, produtores de reforma ou refundação dessas masculinidades. Ao examinar interseções com marcos legislativos chave, como a Lei Maria da Penha e suas medidas protetivas de reeducação de homens autores de violência, o estudo destaca o impacto que a religião pode ter nas dinâmicas de gênero para além das esferas do estado. O conceito de "refundação permanente" é apresentado como uma categoria crítica e alternativa a proposições costumeiramente utilizadas, como a de “desconstrução”, para compreender de que forma pode se dar a emergência de masculinidades contra-hegemônicas.

Palavras-chave: Religião. Masculinidades hegemônicas. Violência de gênero. Masculinidades refundadas. Lei Maria da Penha.

Abstract: This article explores the role churches can play in the permanent refoundation of violent masculinities, using the contrast between the "House of God" and the "house-of-men" as a starting point. The concept of the “house-of-men” refers to male socialization spaces whose function is to introduce boys to the “world of men,” teaching them hegemonic masculine behaviors. The research emphasizes how religious spaces and discourses contribute to the persistence of hegemonic masculinities, particularly those that perpetuate gender violence, but can also serve as spaces for reform or refoundation of these masculinities. By examining intersections with key legislative frameworks, such as the Maria da Penha Law and its protective measures for the re-education of men who commit violence, the study highlights the impact

* Mestre em Ciências da Religião. Universidade Cidade de São Paulo. E-mail: mauriciodof@unicid.edu.br



religion can have on gender dynamics beyond the spheres of the state. The concept of "permanent refoundation" is presented as a critical and alternative category to commonly used propositions, such as "deconstruction," to understand how the emergence of counter-hegemonic masculinities can occur.

Keywords: Religion. Hegemonic masculinities. Gender violence. Refounded masculinities. Maria da Penha Law.

INTRODUÇÃO

Em maio de 2024, tornou-se de domínio público o relato do pastor Lúcio Barreto – conhecido como “Pastor Lucinho”, liderança da Igreja Batista da Lagoinha (Belo Horizonte/MG) – de que ele teria beijado sua filha na boca para que ele pudesse dizer ao seu futuro namorado “Você é o segundo, eu já beijei”¹. No mesmo mês, em um vídeo muito menos repercutido, o pastor Anderson Silva, principal figura pública da Machonaria – Confraria de Homens, disse em um de seus vídeos na plataforma *YouTube*: “Para ser homem você precisa desenvolver muitos outros atributos, características, qualidades. Não é só ser machão”².

As duas afirmações podem parecer, numa primeira análise, apresentar pensamentos que apontam para direções contrárias – mas não apontam. Ambos, Lúcio Barreto e Anderson Silva, têm no poder masculino o projeto de masculinidade a ser alcançado pelos homens que pastoreiam. Se não concordam na forma como que este poder será exercido, não há desacordo sobre se ele deve ser exercido.

Mais adiante, em outro *corte* da mesma pregação, Anderson Silva afirma: “O centro da existência humana é a masculinidade: Deus é Pai, Jesus é homem e a Trindade condiciona o homem como seu representante pleno”³. O poder masculino, veremos, é deslocado do *poder do macho* “falocrático”⁴ para um domínio moral, norteador da religiosidade da família burguesa.

¹ ANDRADE, Jô. Pastor da igreja Lagoinha diz em culto que já beijou a filha na boca. *G1*, Belo Horizonte, 03 maio 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2024/05/03/lucinho-barreto-diz-ter-beijado-filha-lagoinha.ghtml>. Acesso em: 16 out. 2024.

² SILVA, Anderson. Ser macho não é ser homem! *Youtube*, 13 maio 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=e5uCao1r_XU. Acesso em: 16 out. 2024.

³ SILVA, Anderson. O homem é a resistência! *Youtube*, 25 maio 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UbUwS4oRarA>. Acesso em: 17 out. 2024.

⁴ SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.



O *poder do macho*, a *dominação masculina*, o *patriarcado* – ou, como aqui abordaremos, *cis-heteropatriarcado* – são categorias que podem apoiar a compreensão do desequilíbrio entre os gêneros no que tange o poder sobre si e sobre o outro. Heleieth Safiotti, socióloga marxista e uma das pioneiras dos estudos de gênero, afirma que:

O poder do macho, embora apresentando várias nuances, está presente nas classes dominantes e nas subalternas, nos contingentes populacionais brancos e não-brancos. Uma mulher que, em decorrência de sua riqueza, domina muitos homens e mulheres, sujeita-se ao jugo de um homem, seja seu pai ou seu companheiro. Assim, via de regra, a mulher é subordinada ao homem. Homens subjugados no reino do trabalho por uma ou mais mulheres detêm poder junto a outras mulheres na relação amorosa.⁵

O poder masculino, assim, não se conta no varejo, não se trata da exceção, tampouco se liga ao domínio da forma particular. É de sua transversalidade que nos ocupamos ao buscar superá-lo e em busca de sua transversalidade que se dá o acordo entre os homens em torno da manutenção de marcas de poder que não possam ser apagadas e/ou negadas – marcas indelévels do poder da masculinidade:

O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizantes. Esse programa social de percepção incorporada aplica-se a todas as coisas do mundo e, antes de tudo, ao próprio corpo, em realidade biológica: é ele que constrói a diferença entre os sexos biológicos, conformando-a aos princípios de uma visão mítica do mundo, enraizada na relação arbitrária de dominação dos homens sobre as mulheres, ela mesma inscrita, com a divisão do trabalho, na realidade da ordem social.⁶

Ora, não se questiona o corpo. Não se questiona Deus. Espelho e Bíblia são inerrantes. Assim, ante marcas biológicas ou religiosas do poder masculino, este pode se perpetuar sem que haja possibilidade de contra-argumentação àquilo que os constitui: o corpo masculino feito à imagem e semelhança do corpo de Deus.

No entanto, ao longo do século XX, estudiosas do gênero transgrediram essa determinação e questionaram, se não o espelho, o significado dos símbolos de poder nele refletidos. A ideia de que não se nasce mulher, mas torna-se uma⁷, é de razoável disseminação entre homens e mulheres que não fazem parte da academia ou dos movimentos feministas.

⁵ SAFFIOTTI, 1987, p. 16.

⁶ BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. de Maria Helena Kühner. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

⁷ BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Trad. de Sérgio Millet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. Vol. I e II.

A frase de Beauvoir tornou-se um aforismo, uma frase de camiseta, um meme – seja entre pessoas simpáticas ou contrárias à ideia por ela estabelecida de que ser mulher é antes que um dado natural, um dado sócio-histórico. Se, por um lado, ao se tornar um aforismo, tal ideia alcança um sem-número de pessoas que a academia costumeiramente não alcança, por outro os dois volumes de *O Segundo Sexo* são simplificados sob o risco de verterem-se numa caricatura por frações conservadoras de formadores de opinião pública.

Contudo, é dado que praticamente não há quem ignore que há um campo hegemônico nas ciências sociais que define o gênero como algo distinto das determinações biológicas, mas marcado socialmente, culturalmente, historicamente.

Judith Butler, avançando nesta perspectiva, afirma que o sexo biológico é, ele mesmo, socialmente construído ao passo que suas marcas presumidamente naturais – (hetero)sexualidade, paternidade/maternidade, força/fragilidade, e o binarismo sexual, ele mesmo – são antes suas marcas generificadas, que determinação geneticamente preexistentes.⁸

Para Butler, o gênero mais que uma identidade marcada sócio-historicamente, é dado pela performance das pessoas ante as expectativas socialmente construídas em torno da diferenciação de gênero:

Dizer que a realidade de gênero é performativa significa, de maneira muito simples, que ela só é real na medida em que é performada. É justo dizer que certos tipos de atos são geralmente interpretados como expressão de um núcleo ou identidade de gênero, e que esses atos ou estão em conformidade com uma identidade de gênero esperada ou questionam, de alguma forma, essa expectativa – expectativa que, por sua vez, é baseada na percepção do sexo, sendo o sexo entendido como dado factual e distinto das características sexuais primárias.⁹

Se há expectativas em torno das performances de gênero, elas não são neutras ou horizontais. Ao contrário, os papéis de gênero, assim, como outras marcas, são apropriados socialmente para a sustentação do poder dos setores dominantes da sociedade (em nosso caso, euro-americana e burguesa). Aquelas(es) cujas marcas

⁸ BUTLER, Judith. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. Trad. de Jamille Pinheiro Dias. *Caderno de leituras*, n. 78. [S.l.]: Edições Chão da Feira, jun. 2018. Disponível em: https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2018/06/caderno_de_leituras_n.78-final.pdf. Acesso em: 17 out. 2024.

⁹ BUTLER, 2018, p. 459.



físicas e/ou sociorreferenciadas transitam pelas avenidas de desempoderamento – classe, gênero, raça, etnia, nacionalidade/regionalidade, sexualidade, idade – são postas(os) sob jugo da demais. Especificamente em relação ao gênero e sexualidade, a categoria que nos apoia para compreender o sistema de desigualdade social que dá aos homens poder é o *patriarcado* (à qual adicionamos o sufixo *cis-hetero-* posto que a naturalização e normatização da cisgeneridade e da heterossexualidade não se separam do patriarcado, mesmo, reificando, fetichizando e/ou eliminando corpos lésbicos, bissexuais femininos, bi/homossexuais masculinos, transgênero e travestis).

O sentido que tem prevalecido na concepção feminista contemporânea de patriarcado é o de governo/dominação masculina, e, apesar dos dissensos em relação ao uso de conceito no âmbito dos estudos feministas, este contribui definitivamente para a explicitação do caráter sistêmico da dominação masculina, compreensão predominante também nos estudos feministas sobre religião.¹⁰

Voltamos, assim, ao início desta introdução para, ainda junto de Sandra Duarte de Souza, compreender que uma das esferas da vida sobre a qual recai o poder masculino e a partir de qual ele é mantido é a religião: “As representações socioculturais de homens e mulheres, que evocam a desigualdade social baseada na diferença sexual, são sacramentadas pela religião, naturalizando, dessa forma, a violência de gênero”¹¹.

Por isso, adiante, partindo de conclusões a que recentemente chegamos ao analisar pregações sobre masculinidades de pastores evangélicos no YouTube, defenderemos que se a religião e as igrejas, apesar de não fundarem o machismo e o patriarcado, podem ser espaços de perpetuação de desigualdade de gênero, em sentido oposto elas também podem ser produtoras e perpetuadoras de igualdade social entre os gêneros e, neste caso, atuarem na refundação de masculinidades violentas e hegemônicas.

¹⁰ SOUZA, Sandra Duarte de. Patriarcado/Matriarcado. In: USARSKI, Frank; TEIXEIRA, Alfredo; PASSOS, João Décio (org.). *Dicionário De Ciência Da Religião*. São Paulo: Paulinas, 2022. p. 719-726.

¹¹ SOUZA, Sandra Duarte de. Violência De Gênero E Religião: Alguns Questionamentos Que Podem Orientar A Discussão Sobre A Elaboração De Políticas Públicas. *Mandrágora*, São Bernardo do Campo, v. 13, n. 13, p. 15-21, 2007.



HOMENS, MASCULINIDADES E A(S) CASA(S)-DOS-HOMENS

Se Beauvoir tem sua afirmação de que ninguém nasce mulher tornada um aforismo, já há também um certo clichê em textos sobre masculinidades do qual não nos esforçaremos para escapar neste artigo: ninguém nasce homem, torna-se homem. Mas, diferente das mulheres, homens tornam-se homens a partir de espaços por eles próprios constituídos como lugares de sustentação do poder masculino no contexto da sociedade cis-heteropatriarcal. Um lugar de homens formando homens.

Daniel Welzer-Lang nomeia estes espaços como a “*casa-dos-homens*”:

[...] lugares monossexuados (pátios de colégios, clubes esportivos, cafés... mas, mais globalmente, o conjunto de lugares aos quais os homens se atribuem a exclusividade de uso e/ou de presença) estrutura o masculino de maneira paradoxal e inculca nos pequenos homens a ideia de que, para ser um (verdadeiro) homem, eles devem combater os aspectos que poderiam fazê-los serem associados às mulheres.¹²

É evidente, contudo, que a *casa-dos-homens* não é erguida por *arquitetos da sociabilidade*, cujos planos de poder masculino são calculados, revistos, erguidos e mantidos por *comitês de manutenção do patriarcado*. A *casa-dos-homens* é produto e reprodutora do patriarcado. Os homens nela iniciados serão eles mesmos iniciadores de outros homens, façam parte do círculo direto de influência de outros garotos, sejam figuras públicas com influência sobre os garotos em geral¹³.

O poder masculino, assim, é transmitido de geração a outra geração, como uma herança da qual não se livra. Tal como Davi a Salomão, cada adulto diz a cada menino: “Seja forte. Seja homem”¹⁴. Davi não estava preocupado com a força de Salomão perante as mulheres, mas em relação a outros homens:

Saiba que também está com você Simej, filho de Gera, o benjamita de Baurim. Ele lançou terríveis maldições contra mim no dia em que fui a Maanaim. Mas depois desceu ao meu encontro no Jordão e lhe prometi jurando pelo Senhor que não o mataria à espada. Mas, agora, não o considere inocente. Você é um homem sábio e saberá o que fazer com ele; apesar de ele já ser idoso, faça-o descer ensanguentado à sepultura.¹⁵

¹² WELZER-LANG, Daniel. A Construção Do Masculino: Dominação Das Mulheres e Homofobia. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001.

¹³ WELZER-LANG, 2001, p. 463.

¹⁴ I Reis 2, 2. In: BÍBLIA LEITURA PERFEITA: EVANGELISMO. Rio De Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.

¹⁵ I Reis 2, 8-9. In: BÍBLIA LEITURA PERFEITA, 2018, p. 224.



A diferenciação do poder masculino, mostra Davi a Salomão, não se dá somente entre os gêneros, mas intragênero. Raewyn Connell contribui para a localização deste poder a partir das categorias de masculinidades *hegemônicas*, *subordinadas* e *marginalizadas* e pela ideia de cumplicidade entre as masculinidades em torno da partilha do dividendo patriarcal.¹⁶

Reconhecer a diversidade nas masculinidades não é suficiente. Devemos também reconhecer as relações entre os diferentes tipos de masculinidade: relações de aliança, domínio e subordinação. Essas relações são construídas por meio de práticas que excluem e incluem, que intimidam, exploram e assim por diante. Há uma política de gênero dentro da masculinidade.¹⁷

Assim, as masculinidades hegemônicas são aquelas que ocupam as posições dominantes na hierarquia de gênero, associadas ao poder, controle e ao ideal patriarcal. Elas não são parte da vivência da maioria dos homens – na verdade, uma pequena minoria consegue se aproximar deste ideal. Já as masculinidades subordinadas são aquelas que estão em uma posição de subordinação em relação à hegemonia, muitas vezes por desviarem dos padrões dominantes, como no caso de homens que rejeitam manifestações de força física ou de violência franca e demonstrações compulsórias de valores heteronormativos. As masculinidades marginalizadas, por sua vez, são aquelas excluídas ou desvalorizadas em função de outros marcadores sociais, como raça, classe, etnia, sexualidade, deficiência etc. mesmo que possam tentar reproduzir os padrões de masculinidade hegemônica, permanecendo fora do poder central por questões sociais e estruturais.

Ainda que as relações de poder se deem também internamente ao gênero masculino de forma que os homens sejam hegemônicos e subordinados entre si, todos eles partilham das vantagens genéricas em ser homem num mundo cis-heteropatriarcal. É evidente que nem todos poderão corresponder plenamente à expectativa que se tem sobre o perfil de uma masculinidade hegemônica, mas isso não impede que os homens em geral partilhem (desigualmente) de um *dividendo patriarcal* - “[...] a vantagem que os homens em geral obtêm da subordinação geral das mulheres”.¹⁸

Assim, homens em posição de subordinação e marginalização existem em um mundo cis-heteropatriarcal, enfrentando as pressões associadas a essa realidade.

¹⁶ CONNELL, Raewyn W. *Masculinities*. 2. ed. Los Angeles: University Of California, 2005.

¹⁷ CONNELL, 2005, p. 37.

¹⁸ CONNELL, 2005, p. 79.



Mesmo que a maioria dos homens não estejam em posições de hegemonia, há uma tendência de cumplicidade entre os homens, em torno de formas hegemônicas de masculinidade. Renunciar aos privilégios oferecidos por essa hegemonia não é tarefa fácil, pois há uma contínua promessa de poder, ainda que, muitas vezes, traços deste poder.

Mas as masculinidades não são formadas e sustentadas apenas por obra da subjetividade ou de um poder abstratamente concebido. As relações materiais de produção de valor são parte da constituição das masculinidades. Friedrich Engels, partindo do pressuposto marxista do trabalho como categoria ontológica dos seres sociais, vê na origem da propriedade privada e na necessidade de mantê-la sob domínio daqueles que a dominam, a origem da hierarquização de valor na divisão sexual do trabalho e do domínio masculino sobre a mulher, inclusive pela imposição da monogamia, compulsória somente às mulheres para garantia de consanguinidade da prole¹⁹.

Para Engels, contudo, a consequência da superação da propriedade privada dos meios de produção não seriam necessariamente o fim da monogamia, mas de seus atributos constituidores de poder:

Esses caracteres são, em primeiro lugar, a preponderância do homem e, depois, a indissolubilidade do matrimônio. A preponderância do homem no matrimônio é consequência evidentemente de sua preponderância econômica e desaparecerá por si mesma com esta última. [...] E, quando essas gerações aparecerem, não darão um vintém por tudo que nós hoje pensamos que elas deveriam fazer. Estabelecerão suas próprias normas de conduta e, em consonância com elas, criarão uma opinião pública para julgar a conduta de cada um. E ponto final.²⁰

Engels era seguro, assim, de que o resultado “natural” da extinção da propriedade privada era o fim das desigualdades de gênero. Contudo, as experiências socialistas reais mostraram que se o capitalismo sustenta e é sustentado pelas opressões para além da de classe – dentre elas, a opressão de gênero – sua superação por si só não resulta não superação das demais opressões.

Alexandra Kollontai, revolucionária russa, em 1927 (dez anos após a Revolução de Outubro) reconhece que, apesar de terem sido essenciais, as contribuições das

¹⁹ ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Trad. de Leandro Konder. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

²⁰ ENGELS, 1984, p. 90-91.



mulheres revolucionárias não foram registradas com o mesmo destaque que as dos homens: "As heroínas da Revolução de Outubro eram todo um exército, e embora seus nomes possam ser esquecidos, sua abnegação vive em cada vitória daquela revolução, em todos os ganhos e conquistas desfrutadas pelas trabalhadoras da União Soviética"²¹.

Em um contexto mais recente, Marcia Choueri, em um artigo sobre o novo Código de Famílias de Cuba, aponta as contradições da sociedade cubana que, apesar dos avanços, ainda é marcada por LGBTfobia, racismo e machismo. Além disso, Código de Famílias, aprovado em referendo popular com apoio de 66% da população, traz uma série de inovações progressistas, como a proteção ao direito de constituir família sem discriminação, a ruptura com o modelo heteronormativo e o reconhecimento de diversos tipos de filiação parental. Mas é notável que, mesmo após seis décadas da revolução cubana, um terço da população votante não tenha apoiado essas mudanças, o que revela as tensões culturais e sociais ainda presentes²².

Se as mudanças das relações materiais não são o suficiente para a ruína do sistema de desigualdades baseadas no gênero e na sexualidade, uma luta cujo cerne esteja nessas relações deve ser levada a cabo. As lutas de mulheres e as lutas feministas ao longo dos séculos XX e XXI levaram a mudanças substanciais, mas não suficientes, neste campo. A estrutura de poder masculino ainda é central no cis-heteropatriarcado, mas as mudanças produzidas por essas lutas levaram parte dos homens a incorporar mudanças de comportamento ou, mesmo, a eles mesmos abdicarem de sua parte do *dividendo patriarcal* e, mais que isso, colocarem-se como parte da luta pela igualdade de gênero. A isso temos chamado de *reforma e refundação permanente das masculinidades*.²³

²¹ KOLLONTAI, Alexandra. *Selected Writings*. New York: International, 1984.

²² CHOUERI, Marcia. Novo Código das Famílias cubano e a defesa da igualdade, do respeito e do afeto. *Brasil de Fato*, Rio de Janeiro, 22 set. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefatorj.com.br/2021/09/22/vem-para-cuba-novo-codigo-das-familias-cubano-e-a-defesa-da-igualdade-do-respeito-e-do-afeto>. Acesso em: 24 set. 2024.

²³ OLIVEIRA FILHO, Maurício de. "*Seja homem*": análise temática de pregações sobre masculinidades no YouTube. 2024. 388 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2024.

REFORMA E REFUNDAÇÃO PERMANENTE DAS MASCULINIDADES

Termos como *masculinidade tóxica*, *macho-alfa* e *homens em desconstrução* são comumente utilizados para categorizar grupos de homens que se alinham ou se distanciam com o projeto de hegemonia das masculinidades. Entretanto, essas categorias apresentam problemas para a compreensão das dinâmicas e relações entre as masculinidades. A ideia de masculinidade tóxica limita a discussão a comportamentos presumidamente contaminados exogenamente e para os quais poderia se buscar um *antídoto*, sem abordar a estrutura de poder masculino que permanece intrínseca aos homens, com ou sem a manifestação explícita da violência. Além disso, comportamentos *tóxicos* não são exclusivos de homens; relacionamentos amorosos também podem ser identificados como *tóxicos*, com mulheres a frente de tais comportamentos, de modo que esta categoria não contribui para nos determos nas especificidades dos comportamentos das masculinidades hegemônicas.

Da mesma forma, a ideia de um homem-padrão – um “macho-alfa” – poderia pressupor que o poder masculino vem necessariamente dessa posição masculina de dominância plena. Ocorre, contudo, que uma posição que corresponda estritamente ao arquétipo do “macho-alfa” é necessariamente e absolutamente minoritária. A imensa maioria dos homens não pertence ao arquétipo do “alfa” que poderíamos construir a partir de características dominantes masculinas e, assim, poderia se supor que a questão das masculinidades hegemônicas tratar-se-ia de um *problema menor*, já que a maioria dos homens não é capaz de alcançar a posição de *alfa*.

A ideia de *masculinidades em desconstrução*, por sua vez, promete um homem que deixará de cometer atitudes machistas num futuro, amparado, porém, pela garantia de que o futuro não existe, mas apenas o presente. O alibi da *desconstrução* garante ao homem o direito de continuamente incorrer em pequenos *exercícios de poder*, pois está-se *continuamente em processo de desconstrução*. Ao mesmo tempo, a ideia de desconstrução em si mesma pode fazer parecer que se quer *homens que não sejam homens*, ao passo que o que se busca são homens que sejam homens que não exerçam poder e opressão sobre mulheres, sobretudo, mas também sobre outros homens.

No lugar dessas categorias, temos proposto as categorias de *Masculinidades Reformadas e Refundação Permanente das Masculinidades*. Elas se diferenciam pelo



não estrutural ou estrutural da mudança de vivência das masculinidades. A *refundação permanente das masculinidades* tem um caráter *contra-hegemônico*, buscando eliminar por completo as desigualdades sociais entre os gêneros; as propostas de *reformas das masculinidades* podem fazer concessões às mulheres e admitir mudanças de comportamentos masculinos em relação a tarefas de cuidado, por exemplo, mas não se altera a defesa dos *fundamentos* de uma masculinidade que ainda ocupa um lugar de poder, autoridade e liderança em relação a mulheres, crianças e outros homens que vivenciem masculinidades subordinadas ou marginalizadas.

A proposta de *refundação permanente das masculinidades* poderia ser confundida com a ideia de *homens em desconstrução*. Contudo, a *refundação permanente* pretende que essa transformação deve ter um início imediato no campo individual, mas será um processo permanente no campo coletivo, sem fim no horizonte visível. Trata-se de uma luta contínua contra privilégios e padrões de poder, tanto entre gêneros quanto dentro do próprio gênero masculino, o que exige vigilância constante e uma mudança estrutural. Essa *refundação* não se limita a uma reforma individual, mas envolve ações coletivas que desafiam as masculinidades hegemônicas e seus privilégios, como o dividendo patriarcal, e demanda a prática de masculinidades, mais que não hegemônicas, *contra-hegemônicas*.

A *refundação permanente das masculinidades* assemelha-se, assim, ao proposto por León Trotsky em sua teoria de *Revolução Permanente*, que não se limita à tomada de poder, mas à luta contínua contra todas as formas de dominação e às formas de reação que necessariamente surgirão contra essa mudança²⁴. Assim, homens que participam desse processo não podem se valer do alibi de “estar em desconstrução” para perpetuar práticas machistas. A *refundação* é permanente porque a ação *contra-hegemônica* é condição *inescapável* da *refundação das masculinidades* pois ela deve alcançar o conjunto de homens ou, de outra forma, falhará.

Colocar-se em posição *contra-hegemônica* é, assim, mais que se esquivar de práticas violentas, do domínio, de sua parte do dividendo patriarcal, colocar-se a serviço da promoção de masculinidades não violentas. Programas como “E agora, José” e

²⁴ TROTSKY, Leon. *A Revolução Permanente*. São Paulo: Kairós Livraria, 1985.



“Tempo de Despertar”, amparados na Lei 11.340/2006, a Lei Maria da Penha²⁵, exemplificam iniciativas que buscam reeducar homens autores de violência, promovendo atividades pedagógicas e educativas voltadas para a transformação permanente. Ainda que haja problemas de aferição de resultados destes programas, estudos têm, até agora, indicado grande eficácia em seus resultados.²⁶

A proposta da categoria de *refundação permanente das masculinidades* contribui, assim, para a compreensão do caráter estrutural das masculinidades hegemônicas, tirando do campo individual a centralidade da superação das desigualdades de gênero, sem que isso signifique desresponsabilizar cada homem de seu papel neste processo.

GÊNERO, MASCULINIDADES E RELIGIÃO

Como vimos, a dominação masculina no contexto cis-heteropatriarcal é de ordem estrutural. Isso significa que ela se dá de modo transversal em todos os âmbitos da vida social, sendo muitas vezes ocultadas por condições de invisibilidade próprias do campo da ideologia, a qual oculta as relações materiais das contradições sociais²⁷: Se mulheres ocupam mais que homens com tarefas de cuidado é que elas são *naturalmente sensíveis e acolhedoras*; se homens cometem violência sexual contra mulheres em festas é que elas *não se preservaram*; se homens são as *cabeças de suas famílias* sujeitando mulher e filhos sob seu domínio é que a Bíblia determina que assim o seja, tal como Jesus é a cabeça da Igreja.²⁸

A religião, assim, sendo um âmbito da vida social, influencia e é influenciada pelo cis-heteropatriarcado. Ela desempenha um papel na formação e conformação das masculinidades e de papéis de gênero em geral, seja nos seus mitos e textos sagrados, na formação do sacerdócio, em sua liturgia.

Pensando especificamente nas religiões cristãs, ainda que seja inequívoco que a maioria dos teólogos não concebiam um gênero específico para Deus, no imaginário

²⁵ Em seus artigos 22, 35 e 45, esta lei prevê a existência de programas de recuperação e reeducação de homens autores de violência na forma de medida protetiva de urgência. Algumas(uns) juízas(es) têm, ainda, usado este recurso como pena alternativa a homens condenados por violência doméstica.

²⁶ BEIRAS, Adriano *et al.* *Grupos Reflexivos E Responsabilizantes Para Homens Autores De Violência Contra Mulheres No Brasil*: Mapeamento, Análise E Recomendações. Florianópolis: CEJUR, 2021.

²⁷ BOTTOMORE, Tom. *Dicionário Do Pensamento Marxista*. Rio De Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

²⁸ Efésios 5, 22-23. *In: BÍBLIA LEITURA PERFEITA*, 2018.



comum Deus é homem. A iconografia mais comum de Deus remete ao homem branco, de barba e cabelo brancos; ao mesmo tempo Pai e Filho, cria o homem à sua imagem e semelhança e, deste, cria a mulher, sua auxiliadora. O homem herda seu poder e liderança sobre as demais criaturas – dentre as quais, a mulher.

Para muitos, tal cenário é de tal forma internalizado como uma verdade inequívoca que poder divino e masculino já não se separam: “Na minha opinião, Deus é masculino. Porque eu acho que ele é todo poderoso e manda em tudo, por isso, eu acho que ele é homem”²⁹. O entrevistado de Clóvis Ecco afirma, entendamos, que se Deus tem poder, logo é homem; Deus tem o poder que, de direito, é da masculinidade hegemônica; Deus tem o poder porque existe à semelhança da masculinidade hegemônica. Mary Daly afirma que “se Deus é homem, o homem é Deus”³⁰. Mas, para A.R.F, se homens têm poder, Deus tem poder, ou ainda, se os *homens-deuses* têm poder, o *Deus-homem* também o terá. Faz-se uma aliança de cumplicidade entre o *Deus-homem* e os *homens-deuses*, todos beneficiários do dividendo patriarcal.

Mas, se a religião é campo de reprodução e sustentação do poder masculino, por que mulheres se lançam ao sagrado, integram a membresia das igrejas, constroem e edificam suas comunidades religiosas? Decerto há vantagens reconhecidas pelas mulheres na vivência religiosa. Uma delas – no espaço deste artigo nos deteremos a esta, mas absolutamente não se trata da única³¹ – é a reforma dos comportamentos violentos de seus companheiros quando estes se convertem juntos delas. Maria das Dores Campos Machado, no Brasil, e Elisabeth Ellen Brusco, na Colômbia, demonstram como as mulheres utilizam a conversão de seus maridos para alcançar a superação da vivência de violência doméstica.

De certa forma, o evangelismo colombiano pode ser visto como um ‘movimento estratégico’ das mulheres, assim como o feminismo ocidental, porque serve para reformar os papéis de gênero de maneira que melhora o status feminino. Especificamente, promove os interesses das mulheres não apenas de maneira simples e prática, mas também por seu potencial como antídoto para o

²⁹ A.R.F. *apud* ECCO, Clóvis. A Função Da Religião Na Construção Social Da Masculinidade. *PHENOMENOL. STUD. - Rev. Abordagem Gestált.*, v. 14, n. 1, p. 93-97, 2008.

³⁰ DALY, Mary. *Beyond God the Father: Toward a Philosophy of Women’s Liberation*. With an Original Reintroduction by the Author. Boston: [s.n.], 1973.

³¹ MACHADO, Maria das Dores Campos. O pentecostalismo e as mulheres. Entrevistadora: Graziela Wolfart. *IHU Online*, [S. l.: s. n.], 2010. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/3212-maria-das-dores-campos-machado>. Acesso em: 21 out. 2024.



machismo [...] ³². E quando a mulher consegue a conversão do esposo, ampliam-se as chances de uma revisão do arranjo familiar em termos mais igualitários. Porque os homens, ao se converterem, tendem a abandonar o modelo de masculinidade predominante na sociedade e a se aproximar de um modelo mais andrógino, que é favorável às mulheres e ao grupo doméstico como um todo ³³.

A religião, assim, pode assumir um caráter contraditório em que papéis de gênero são afirmados, reafirmados e contestados, de modo que, muitas vezes ao largo dos movimentos feministas e do campo progressista, mulheres não só encontram meios de resistência internamente às suas vivências religiosas, mas pode assumi-las especificamente com o fim de reposicionar de modo satisfatório para si o seu lugar como mulher no contexto cis-heteropatriarcal.

Se tal movimento não altera a estrutura do poder masculino, está longe de ser irrelevante o ganho que essas mulheres encontram ao verem seus maridos, antes violentos e avessos à vida familiar, abandonarem tais comportamentos e voltarem-se para um lugar de norteador da moralidade cristã, mesmo que ainda conservadora e mantendo o homem na posição de “cabeça da família”.

A REFORMA E A REFUNDAÇÃO PERMANENTE DAS MASCULINIDADES NA CASA-DE-DEUS

Se mulheres vítimas de violência doméstica podem encontrar no espaço da religião não apenas alívio para o seu sofrimento, mas um caminho de melhora real da situação vivida, é possível encontrar nas pregações de pastores com elementos que dialoguem com este cenário? Ou seja, podemos encontrar no discurso religioso de lideranças cristãs masculinas elementos que possam levar os homens a abandonar comportamentos violentos e a *reformular* a vivência de suas masculinidades?

Em nossa recente pesquisa, “*Seja homem – análise temática de pregações sobre masculinidades no Youtube*” ³⁴, tivemos uma importante indicação de que sim. Analisando pregações de seis pastores protestantes de diferentes denominações, quais sejam: Pr. Anderson Silva, ex-pastor da “*Vivo Por Ti*” e principal figura pública do coletivo “*Machonaria*”; Pr. Cláudio Duarte, do Projeto Recomeçar; Pr. Ed René Kivitz, da IBAB;

³² BRUSCO, Elizabeth E. *The Reformation of Machismo: Evangelical Conversion and Gender in Colombia*. E-book Kindle ed. Austin, TX: University of Texas Press, 2011.

³³ MACHADO, 2010, n.p.

³⁴ OLIVEIRA FILHO, 2024.

Pr. Lúcio Barreto, da Igreja Batista da Lagoinha; Pr. Paulo Júnior, da Aliança do Calvário; e Pr. Silas Malafaia, da ADVEC.

Todos eles abordaram questões que desafiam expectativas sobre papéis masculinos hegemônicos, embora apenas um deles (Ed René Kivitz) questione a hegemonia masculina, ela mesma. O conjunto das pregações assume, assim, um caráter contraditório que, confirmando as conclusões de Brusco e Machado, admite conquistas femininas no campo do trabalho, por exemplo, e interdita aos homens comportamentos violentos, grosseiros, consumo de pornografia, infidelidade etc.

Contudo, os mesmos pastores também reafirmam o papel de liderança e autoridade masculinas no contexto público e familiar, reforçam a responsabilidade masculina (ainda que possivelmente compartilhada com a mulher) pela provisão, abordam o trabalho remunerado como valor inegociável nos atributos masculinos e indicam a importância da virilidade sexual como condição do verdadeiro homem. Termos como “macho”, “macho-alfa”, “homem de verdade” são recorrentes. As figuras bíblicas masculinas reivindicadas são Davi, sobretudo, (como rei e guerreiro), mas também Salomão (como sábio), Abraão (como exemplo de virilidade sexual!) e Deus (como o “o maior homem que existe”³⁵). Enfim, as pregações, de modo geral, fazem a defesa de uma posição masculina própria de um modelo cis-heteropatriarcal de sociedade, ainda que interdite à conduta dos homens comportamentos que já não podem ser admitidos ante conquistas inequívocas das lutas feministas e de mulheres.

Podemos assumir, dessa forma, que os homens que seguem à risca as pregações analisadas *reformaram* suas vivências masculinas. Ou seja, sem que tenham feito qualquer alteração no centro de poder cis-heteropatriarcal, assumem, novos comportamentos, fazendo concessões naquilo que tange aos direitos das mulheres, sobretudo no acesso e destaque no trabalho formal e ao direito à integridade física, sexual e psicológica.

A principal dissonância entre as pregações analisadas cabe ao Pr. Ed René Kivitz, que abertamente defende uma “redenção do masculino”³⁶. Sua defesa de uma

³⁵ BARRETO *apud* OLIVEIRA FILHO, 2024, p. 108.

³⁶ KIVITZ *apud* OLIVEIRA FILHO, 2024, p. 66.

masculinidade redimida em Jesus – o principal modelo de masculinidade para Kivitz – a qual deve necessariamente romper com valores patriarcais:

O vaso mais fraco, de que Pedro fala, não fala da natureza do feminino. Acredito que fala muito mais da condição social da mulher: subalternizada, oprimida, numa *sociedade patriarcal*. É como se Pedro tivesse falando para o marido: ‘Olha, a mulher, na sua sociedade, já está colocada na condição de ser pisada. Vai ser pisada também em casa?’. É isso que o Pedro tá falando.³⁷

Kivitz é o único dos pastores analisados, destarte, que propõe para as masculinidades aquilo que chamamos de *refundação* – masculinidades contra-hegemônicas. E, com isso, chegamos ao mesmo ponto que então havíamos chegado e que do qual neste artigo buscamos avançar: Se mulheres têm ganhos reais com a conversão de seus maridos ao cristianismo mediado por lideranças cristãs conservadoras as quais defendem a *reforma* de comportamentos violentos e, em muito menor medida, dominadores, quão maior seriam suas conquistas se mais pastoras e pastores progressistas estivessem empenhadas(os) em discutir abertamente a *refundação permanente* das masculinidades?

Nosso contato com o campo deu-nos o indício de que a discussão das masculinidades – assim por eles nominada: textualmente *masculinidades* – tem sido dominado pelo campo conservador. Alguns poucos vídeos de pastores tratando do tema das masculinidades foram encontrados na fase de seleção das pregações. Contudo, um de nossos critérios era o de usarmos pregações completas de pastores com mais de 100 mil seguidores. O único a se enquadrar neste critério dentre os pastores progressistas cujos vídeos foram “retornados” em nossa busca foi Kivitz. Dentre os demais vídeos, todos estavam no formato de “cortes” ou de vídeos gravados diretamente para o Youtube.

Contudo, o fato de os pastores conservadores estarem à frente da maioria das pregações gravadas sobre masculinidades não quer dizer que elas não ocorram entre pastores progressistas. À medida em que nossa aproximação com o campo se deu pela plataforma Youtube, este é o limite de nosso campo e não podemos, absolutamente, tomar esta pequena amostra pelo universo. Outras vias de aproximação podem ser feitas. Átila Augusto dos Santos, Henrique Vieira, João Berlofa, Nancy Cardoso, Odja Barros e tantas outras pastoras e teólogas existem e resistem. Suas pregações têm

³⁷ KIVITZ *apud* OLIVEIRA FILHO, 2024, p. 98, destaque nosso.

levado às memórias de suas igrejas leituras das escrituras feitas com olhos de igualdade.

Átila Augusto, pastor pentecostal, liderança da Igreja Inclusiva da Vila faz a defesa de igrejas abertas às pessoas marginalizadas cujos corpos são estigmatizados em outros espaços religiosos cristãos, como o seu próprio – o corpo de uma “bicha, preta, pentecostal”:

As experiências dessas bichas pretas pentecostais periféricas estigmatizadas evidenciam o incômodo que sua presença causa na sociedade e algumas esferas religiosas, dentre as quais, religiões cristãs. Elas desafiam os padrões heteronormativos e as noções hegemônicas de masculinidade e espiritualidade presentes nas igrejas evangélicas. A masculinidade ocidental, construída a partir da lógica violenta do homem branco e do sistema patriarcal, é imposta como norma e marginaliza aqueles que estão fora desse padrão, como negros, gays e bichas.³⁸

O pastor e deputado federal Henrique Vieira, em seu livro *O amor como revolução*, chama os homens a, mais que serem solidários com as mulheres vítimas de violência doméstica, desmantelarem as bases culturais que fomentam essa violência. Vieira defende, aponta assim, para uma mudança profunda de atitude entre os homens cuja ação para a mudança ocorra no cotidiano:

O que está por trás da violência contra as mulheres? Não é uma projeção de uma mentalidade patriarcal que define as mulheres como inferiores? Acredito que sim. [...] Ser solidário com uma mulher vítima de violência é urgente, mas precisamos desmontar todo o sistema cultural machista que estimula e naturaliza essa violência. Nós, homens, precisamos de uma mudança radical de entendimento e de atitude. As atitudes cotidianas são essenciais porque concretizam nosso amor, mas é fundamental que as estradas sejam mais belas e bem cuidadas, pois se continuarem perigosas teremos mais pessoas espancadas à beira do caminho.³⁹

João Berlofa, pastor da Igreja da Garagem, em um vídeo no Youtube, reage a outro vídeo, do pastor Lúcio Barreto, em que este faz uma reflexão sobre a sexualidade masculina. Para Berlofa, a fé cristã não deve ser usada como ferramenta para moralizar a vida íntima das pessoas, mas para promover uma ética que se oponha à exploração e objetificação de corpos, especialmente femininos:

³⁸ SANTOS, Átila Augusto dos. “A bicha preta pentecostal incomoda!”: uma fala sobre gênero, raça e religião. In: PURIFICAÇÃO, Marcelo Máximo; CATARINO, Elisângela Maura; TEIXEIRA, Maria Filomena Rodrigues (org.). *Estudos de teologia e ciências da religião 2*. Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2023. p. 25-36.

³⁹ VIEIRA, Henrique. *O amor como revolução*. Rio De Janeiro: Objetiva, 2019.



Ali acontecia estupro, ali acontecia abuso, ali acontecia violência, ali acontecia morte. É isso que o apóstolo Paulo está criticando, a igreja lá em Corinto, uma igreja que estava na Grécia no primeiro século. Mas esse cara aqui pega um texto com esse peso e coloca na cabeça de um menino de 15 anos com o celular na mão. Como eu disse lá, eu não tô aqui passando pano para pornografia. Na verdade, não me interessa o que você consome, o evangelho não é sobre pautas morais. Você sabe que a indústria pornográfica é uma merda, machista, coloca as mulheres como objeto, e nós, como discípulos de Jesus, não podemos fomentar esse tipo de indústria. [...] Agora, também sem ser legalista em nada, eu jamais poderia julgar uma pessoa que troca o seu conteúdo íntimo com outra pessoa, por exemplo, sem fomentar nenhuma indústria, sem vazar nenhum conteúdo que não foi combinado. Como é que eu poderia dizer que isso está errado?⁴⁰

Nancy Cardoso, teóloga, professora visitante da Universidade Metodista de Angola e assessora de formação da Comissão Pastoral da Terra, provoca reflexões sobre a imagem de Jesus e a diversidade de suas representações presentes na Bíblia. Ela questiona os limites impostos nas liturgias, quando o “leão de Judá” ou “o cordeiro de Deus” e sobrepõem “galinha” que Jesus, ele próprio, diz querer ser para acolher Jerusalém⁴¹. A imagem da galinha representa o acolhimento e o cuidado, características domésticas e socialmente identificadas como parte dos atributos naturalmente femininos e, assim, tal como na casa-dos-homens qualquer característica atribuída ao feminino, deve ser rejeitada (ou esquecida) como um atributo do Deus-homem:

Jesus disse dele mesmo: ‘Jerusalém, Jerusalém, queria ser como a galinha que acolhe os pintinhos debaixo das asas...’ O próprio Jesus aparece atribuindo-se a representação de ‘galinha’. Agora, pensem na liturgia: ‘Jesus, galinha de Deus, acolhe...’. Não dá, está interdito. Não posso usar? Está no Evangelho! É uma possibilidade. E aí não acolhemos as implicações, os alcances dessa imagem. Do cordeiro e da galinha: o que pode? O cordeiro é do mundo masculino do trabalho, do pastoreio, do ritual, do sacrifício. É legítimo usar? Sim, é legítimo usar. A galinha também pode ser usada, está no Evangelho como possibilidade. É o espaço da economia da casa, é do trabalho também, mas o trabalho no quintal, do mundo das mulheres, não tem sacrifício. É a imagem da galinha que protege.⁴²

Por fim, Odja Barros, pastora da Igreja Batista do Pinheiro, em Maceió, destaca em uma de suas pregações a resistência das parteiras que desafiaram do faraó ao preservar a vida dos meninos hebreus. Para a pastora, o ato de desobediência a ordens

⁴⁰ BERLOFA, João. Lucinho Barreto fazendo terrorismo com a sexualidade. *Youtube*, 06 ago. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YJ5njJUN4jM>. Acesso em: 27 out. 2024.

⁴¹ Mt 23, 37. In: BÍBLIA LEITURA PERFEITA, 2018.

⁴² PEREIRA, Nancy Cardoso. Teologia da mulher. *Encontros Teológicos*, Florianópolis, ano 30, n. 1, p. 121-157, 2015.

opressoras, mesmo se alegadamente divinas (como as ordens de um faraó) pode ser um caminho para a construção da liberdade e afirmação da vida.

Quando Faraó viu que esse povo tava crescendo, tava sempre com aquele, sabe, com aquele anseio de ser livre, [...]. Ele deu a ordem pras parteiras: 'Quando você for pegar o menino, fazer o parto e for ver que é um menino, o que que vocês vão fazer? [...]. Se for menino, mate; diz que nasceu morto e mate. Vocês mesmas matam. Se for menina,' — a ordem dele — 'deixe viver as meninas. Menina não faz medo a ninguém, deixa elas vivas.' [...] Ó, que se enganou totalmente o faraó! [...] Quando chegava os meninos, deixava viver. Menina, deixava viver, deixava viver todo o povo. [...] Então, veja que mulheres que construíram libertação desobedeceram ao faraó. Desobedecer ao faraó é desobedecer a um deus, irmãs. Vou dizer para vocês: para você construir sua liberdade, vá aprendendo com as parteiras desobedecer até a Deus.⁴³

Contudo, ainda que as pastoras e pastores acima ocupem um importante lugar de leituras e interpretações igualitárias, antirracistas, antipatriarcais, acolhedoras das diferenças (religiosas, inclusive), há um espaço, ainda, a ser ocupado: o da refundação permanente das masculinidades. Neste espaço, no qual os pastores homens devem ter protagonismo (à medida em que assumam, de fato, uma masculinidade contra-hegemônica), o trabalho pastoral pode ter diferentes abordagens, da evangelização ao aconselhamento. Ocupá-lo é resistir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Historicamente, a religião tem contribuído para a manutenção de papéis de gênero tradicionais que mantém mulheres em um lugar domesticado, subalternizado, de fragilidade e para o amparo à dominação masculina e a modelos de masculinidades hegemônicas e violentas ao sustentar normas cis-heteropatriarcais que reforçam a desigualdade de gênero.⁴⁴ Isso poderia nos levar à defesa irrestrita de um choque de secularização e modernidade como forma de enclausurar a religião na irrelevância do ambientes doméstico e trazer a público o debate da igualdade de gênero, como assunto de política pública.

Tal solução guarda dois problemas centrais: O primeiro. Se alguém esperava que a modernidade restringisse a religião a escolhas de foro íntimo, sem importância

⁴³ BARROS, Odja. Uma espiritualidade libertadora – Pra. Odja Barros – 2 anos de Comuna do Reino – 03/09/2023. *Youtube*, 24 out. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nYriNP8jrdk>. Acesso em: 27 out. 2024.

⁴⁴ SOUZA, 2007.

para a vida pública, teve suas expectativas quebradas – a religião toma e orienta cada vez mais a política e a vida coletiva a um caráter hegemonicamente conservador; O segundo: Ainda que houvesse êxito no projeto moderno de privatização da religião, aí estaria – como está – a tragédia da desigualdade de gênero: na manutenção da violência de gênero na inviolabilidade do lar.

Assim – sem prejuízo, evidentemente, do fortalecimento das políticas públicas – assumam o debate da igualdade de gênero como tarefa central para a superação da violência e dominação masculinas, seja no seu enfrentamento ou na prevenção. É preciso, assim, que as igrejas falem sobre masculinidades para as masculinidades.

Se iniciativas como as já citadas “E agora, José?” e “Tempo de Despertar” tem alcançado resultados positivos neste sentido com homens apenados por violência doméstica (diante da subnotificação dos casos, a minoria dos autores de violência⁴⁵), por que não levar estes modelos para os contextos religiosos, como em espaço de escolas dominicais? Diferente dos serviços públicos, há laços que unem estes homens às suas igrejas, o que as torna espaço privilegiado para alcançar os homens. A introdução de programas voltados para a *refundação permanente das masculinidades* nas igrejas possibilita uma reeducação para uma revisão estrutural das práticas e discursos que sustentam o cis-heteropatriarcado.

Por isso, que tais ações partam de pastores homens, eles mesmos assumindo uma masculinidade contra-hegemônica, introduzindo o tema das masculinidades em suas pregações nos cultos principais de suas igrejas, não restringindo este assunto a espaços “secundários”, deve ser o ponto de partida da construção de igrejas transformadoras, reformadoras e, como tarefa central, refundadoras das masculinidades.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Jô. Pastor da igreja Lagoinha diz em culto que já beijou a filha na boca. *G1*, Belo Horizonte, 3 maio 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2024/05/03/lucinho-barreto-diz-ter-beijado-filha-lagoinha.ghtml>. Acesso em: 16 out. 2024.

⁴⁵ NEVES, Maria. Estudo do Senado aponta subnotificação de 61% no registro de violência contra mulher. *Câmara dos Deputados*, Brasília, 28 fev. 2024. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/1038979-estudo-do-senado-aponta-subnotificacao-de-61-no-registro-de-violencia-contra-mulher/>. Acesso em: 29 out. 2024.

BARROS, Odja. Uma espiritualidade libertadora – Pra. Odja Barros – 2 anos de Comuna do Reino – 03/09/2023. *Youtube*, 24 out. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nYriNP8jrdk>. Acesso em: 27 out. 2024.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Trad. de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. Vol. I e II.

BEIRAS, Adriano *et al.* *Grupos Reflexivos E Responsabilizantes Para Homens Autores De Violência Contra Mulheres No Brasil: Mapeamento, Análise E Recomendações*. Florianópolis: CEJUR, 2021.

BERLOFA, João. Lucinho Barreto fazendo terrorismo com a sexualidade. *Youtube*, 06 ago. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YJ5njJUN4jM>. Acesso em: 27 out. 2024.

BÍBLIA LEITURA PERFEITA: EVANGELISMO. Rio De Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.

BOTTOMORE, Tom. *Dicionário Do Pensamento Marxista*. Rio De Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. de Maria Helena Kühner. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRUSCO, Elizabeth E. *The Reformation of Machismo: Evangelical Conversion and Gender in Colombia*. E-book Kindle ed. Austin, TX: University of Texas Press, 2011.

BUTLER, Judith. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. Trad. de Jamille Pinheiro Dias. *Caderno de leituras*, n. 78. [S.l.]: Edições Chão da Feira, jun. 2018. Disponível em: https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2018/06/caderno_de_leituras_n.78-final.pdf. Acesso em: 17 out. 2024.

CHOUERI, Marcia. Novo Código das Famílias cubano e a defesa da igualdade, do respeito e do afeto. *Brasil de Fato*, Rio de Janeiro, 22 set. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefatorj.com.br/2021/09/22/vem-para-cuba-novo-codigo-das-familias-cubano-e-a-defesa-da-igualdade-do-respeito-e-do-afeto>. Acesso em: 24 set. 2024.

CONNELL, Raewyn W. *Masculinities*. 2. ed. Los Angeles: University Of California, 2005.

DALY, Mary. *Beyond God the Father: Toward a Philosophy of Women's Liberation*. With an Original Reintroduction by the Author. Boston: [s.n.], 1973.

ECCO, Clóvis. A Função Da Religião Na Construção Social Da Masculinidade. *PHENOMENOL. STUD.* - *Rev. Abordagem Gestált.*, v. 14, n. 1, p. 93-97, 2008.

ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Trad. de Leandro Konder. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

KOLLONTAI, Alexandra. *Selected Writings*. New York: International, 1984.

MACHADO, Maria das Dores Campos. O pentecostalismo e as mulheres. Entrevistadora: Graziela Wolfart. *IHU Online*, [S. l.: s. n.], 2010. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/3212-maria-das-dores-campos-machado>. Acesso em: 21 out. 2024.

NEVES, Maria. Estudo do Senado aponta subnotificação de 61% no registro de violência contra mulher. *Câmara dos Deputados*, Brasília, 28 fev. 2024. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/1038979-estudo-do-senado-aponta-subnotificacao-de-61-no-registro-de-violencia-contramulher/>. Acesso em: 29 out. 2024.

OLIVEIRA FILHO, Maurício de. “*Seja homem*”: análise temática de pregações sobre masculinidades no YouTube. 2024. 388 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2024.

PEREIRA, Nancy Cardoso. Teologia da mulher. *Encontros Teológicos*, Florianópolis, ano 30, n. 1, p. 121-157, 2015.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.

SANTOS, Átila Augusto dos. “A bicha preta pentecostal incomoda!”: uma fala sobre gênero, raça e religião. In: PURIFICAÇÃO, Marcelo Máximo; CATARINO, Elisângela Maura; TEIXEIRA, Maria Filomena Rodrigues (org.). *Estudos de teologia e ciências da religião 2*. Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2023. p. 25-36.

SILVA, Anderson. O homem é a resistência! *Youtube*, 25 maio 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UbUwS4oRarA>. Acesso em: 17 out. 2024.

SILVA, Anderson. Ser macho não é ser homem! *Youtube*, 13 maio 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=e5uCao1r_XU. Acesso em: 16 out. 2024.

SOUZA, Sandra Duarte de. Patriarcado/Matriarcado. In: USARSKI, Frank; TEIXEIRA, Alfredo; PASSOS, João Décio (org.). *Dicionário De Ciência Da Religião*. São Paulo: Paulinas, 2022. p. 719-726.

SOUZA, Sandra Duarte de. Violência De Gênero E Religião: Alguns Questionamentos Que Podem Orientar A Discussão Sobre A Elaboração De Políticas Públicas. *Mandrágora*, São Bernardo do Campo, v. 13, n. 13, p. 15-21, 2007.

TROTSKY, Leon. *A Revolução Permanente*. São Paulo: Kairós Livraria, 1985.

VIEIRA, Henrique. *O amor como revolução*. Rio De Janeiro: Objetiva, 2019.

WELZER-LANG, Daniel. A Construção Do Masculino: Dominação Das Mulheres e Homofobia. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001.

Recebido em: 06 nov. 2024.

Aceito em: 30 dez. 2024.